

A POÉTICA VISÃO DE UM CAOS INTERIOR

Suely Aparecida Zeoula de MIRANDA*

RESUMO

Este trabalho procura analisar o poema “Estudo para um caos”, de Murilo Mendes, encontrando nele pontos de diálogo com outros textos, num exercício de leitura enriquecedor e elucidativo.

PALAVRAS-CHAVE: Intertextualidade. Simbologia. Descrição. Narrativa.

INTRODUÇÃO

Nos dois últimos séculos, as condutas simbólicas suscitaram, nos mais variados círculos, uma considerável renovação de interesse. Cassirer, Whitehead, Urban e Langer, entre outros, podem ser citados como filósofos que, em suas obras, apresentaram como uma nova chave da filosofia, a idéia de uma transformação simbólica na realidade do homem.

Diferentemente do animal irracional, o homem pode evocar os objetos ausentes, afastados no tempo e no espaço, pelo uso de substitutos diversos: retratos, esquemas, símbolos, termos da linguagem, imagens mentais, conceitos. Essas práticas pertencem à função **representativa** ou **simbólica** que, por sua vez, apresenta sempre um caráter **duplo** ou **intermediário**. “Um símbolo é um fenômeno mais complexo que um ato simples, tem sempre um caráter duplo análogo ao que já observamos em todos os atos intelectuais.”(JANET, 1936).

No poema analisado, veremos que o pensamento abstrato e o verbal aparecem solidários, mostrando o homem em um confronto com um universo duplo: o das coisas reais, passíveis de manipulações motoras e o das imagens, símbolos e signos, submetidos a operações mentais. A intertextualidade tece uma cadeia de relações surpreendentes, que circulam entre imagens opostas e recorrentes. “Texto quer dizer **tecido**; mas enquanto, até agora, tomou-se sempre esse tecido por um produto, um véu acabado, por detrás do qual se mantém, mais ou menos escondido, o sentido (a verdade), acentuamos agora, no tecido, a idéia gerativa de que o texto se faz, se trabalha através de um perpétuo entrelaçamento; perdido nesse tecido - nessa textura - o sujeito aí se desfaz, como uma aranha que se dissolve ela própria nas secreções construtivas de sua teia.”(BARTHES,1982)

* Faculdade de Educação São Luís –14.870-000, Jaboticabal, SP,Brasil.
Mestranda na área de Estudos Literários – Faculdade de Ciências e Letras –UNESP – 14.800-901- Araraquara, SP, Brasil.

O BREVE ESTUDO DE UM CAOS

ESTUDO PARA UM CAOS

O último anjo derramou seu cálice no ar.

*Os sonhos caem na cabeça do homem,
As crianças são expelidas do ventre materno,
As estrelas se despregam do firmamento.
Uma tocha enorme pega fogo no fogo,
A água dos rios e dos mares jorra cadáveres.
Os vulcões vomitam cometas em furor
E as mil pernas da Grande dançarina
Fazem cair sobre a terra uma chuva de lodo.
Rachou-se o teto do céu em quatro partes:
Instintivamente eu me agarro ao abismo.
Procurei meu rosto, não o achei.
Depois a treva foi ajuntada à própria treva.*

(Murilo Mendes. **Poesia completa e prosa**. Rio de Janeiro:
Aguilar, 1994. p. 334)

Famoso por seu trabalho intertextual, parafraseando a *Canção do Exílio*, de Gonçalves Dias, Murilo Mendes cria, aqui, outra situação de intertextualidade com *O Livro do Apocalipse*, do apóstolo João. O texto bíblico cita o anjo que, com sua trombeta, anuncia o final dos tempos, acompanhado de toda a preciosa simbologia que caracteriza - talvez aqui mais profundamente que nos demais livros - a literatura bíblica.

A primeira estrofe (constituída de um único verso), é o anúncio do caos final. No lugar da trombeta, o cálice, que derrama no ar a essência da dor e da profunda inconsistência humana. A segunda estrofe, claramente descritiva até o nono verso, mostra preciosas imagens, revestidas de uma rica e surpreendente simbologia. Os sonhos não **saem** da cabeça do homem: **caem** nela, porque agora são inúteis. Não há mais o que sonhar, não há mais tempo de fazê-lo. Sonhos são pontes, elos, construções e caminhos. Por que sonhar, se não há para onde ir, não há o que alcançar, não há o que construir? “Crianças são expelidas do ventre materno”, numa clara alusão à vida interrompida. Ser expelido não é nascer, é ter negado o direito à vida. As estrelas que caem do céu, o fogo, são as luzes que não vivificam, mas destroem. E a água, fonte da vida, princípio de todas as criaturas, agora jorra cadáveres, numa imagem forte e paradoxal. Os vulcões, que sempre expeliram a incandescente lava das profundezas da terra, agora vomitam cometas, próprios da imensidão do céu. A Grande dançarina - talvez o contraponto da fera bíblica de mil cabeças - cobre a terra do lodo que cai de suas pernas, milhares e inúteis, criando a estagnação, ao invés do movimento criador. Em tão, o teto do céu partiu-se e, aqui, vê-se a citação bíblica, a alusão mais clara de todo o texto: “E o céu partiu-se em quatro partes...” (Livro do Apocalipse).

Os três últimos versos, claramente narrativos, mostram o homem que, em meio ao caos, tem apenas o abismo. A ele se agarra, a ele se entrega. E, nessa voragem, perde-se, não é mais **o**, é apenas **um**, enquanto a escuridão do não-ser o envolve, inexoravelmente.

O poema, bellissimo, fala do instante da perda, da dor, do caos. Instante que sempre acompanha o homem, em sua humilde trajetória terrena. Todos temos nosso Apocalipse e o vivenciamos, dolorosamente, em meio ao nosso caos interior.

Resta-nos a esperança - também embutida no poema - da reconstrução: “Das trevas fez-se a luz.” Talvez, como co-partícipes da Criação, possamos restabelecer, apesar das trevas e do caos, a iluminada ordem, que é a beleza moral de todas as coisas.

CONCLUSÃO

Neste trabalho, procuramos demonstrar que uma mente em ação mostra reflexões de toda espécie. São diálogos internos, reflexões, devaneios desejando se tornar operantes. O dialogar com outros textos, enriquece essas reflexões e canta a realidade, ultrapassando-a. A criação poética, na tentativa de revelar o mundo que o artista percebe, conhece e apreende, nos arrasta para seu mundo mas é, no entanto, uma revelação sobre a realidade que nos rodeia.

O poema de Murilo Mendes nos traça um caminho cheio de descobertas: a escrita do texto não é senão uma maneira de projetar a escrita de outro texto; a transitividade é a criação que se recria, a cada nova paisagem vislumbrada; o reflexo da emoção é a emoção vivificada. E a poesia é, sempre, a ponte entre o homem e a sua essência.

ABSTRACT

This study intends to analyse the poem: “Estudo para um caos”, by Murilo Mendes, finding some dialogue points between it and other texts, in an elucidative and enriching reading exercise.

KEYWORDS: Intertextuality. Symbolology. Description. Narrative.

BIBLIOGRAFIA

- DIAS, M. H. M. *Fernando Pessoa, um interlúdio intertextual*. Fundação Cultural Brasil-Portugal, 1984.
LOPES, E. *Discurso, texto e significação: uma teoria do interpretante*. São Paulo: Cultrix, 1978.
PAULUS, J. *A função simbólica e a linguagem*. Rio de Janeiro: EDUSP, 1980.
SALLES, C.A. *Gesto inacabado: processo de criação artística*. São Paulo: FAPESP, 1998.